

A Mesa da Palavra

1. A unidade entre a mesa da Palavra e a da Eucaristia na Igreja antiga

«No dia que se chama *dia do sol* todos os que moram na cidade ou no campo se reúnem num mesmo local. Lêem-se as memórias dos Apóstolos e os escritos dos Profetas, tanto quanto o tempo o permite. Quando o leitor tiver terminado, aquele que preside toma a palavra para admoestar e estimular à imitação de tão belos ensinamentos. Em seguida, levantamo-nos todos à uma e elevamos as nossas preces, e, terminadas estas, como já dissemos, traz-se pão e vinho e água. E o presidente, conforme as suas forças, faz igualmente subir ao céu preces e acções de graças, e todo o povo responde exclamando *amen*. Segue-se a distribuição e a partilha a cada um das coisas consagradas (*eucaristizadas*) e o seu envio aos ausentes por meio dos diáconos. Aqueles que têm e querem, cada qual segundo a sua livre determinação, dá o que lhe parece e o que se recolhe é entregue ao presidente o qual socorre com isso os órfãos, as viúvas, os que por doença ou por outra causa estão carenciados, os prisioneiros, os forasteiros que estão de passagem, numa palavra, constitui-se em provedor de quantos se encontram em necessidade»¹.

Este escrito de S. Justino dirigido ao imperador Antonino o Pio (138-161) em defesa dos cristãos é a mais antiga descrição

¹ IUSTINUS MARTYR — *Apologia I*, c. 67: utilizamos a edição e versão de Daniel Ruiz BUENO — *Padres Apologetas Griegos (s. II)*. 2ª ed. Madrid: La Editorial Católica, 1979, 258s. BAC; 116.

completa da celebração eucarística dominical que nos chegou². Nela vemos como a assembleia cristã se reúne no Dia do Senhor — o *Dia do sol* dos pagãos — para uma sinaxe que comporta duas partes principais unidas de tal forma que constituem uma sequência única³: Palavra e Eucaristia.

Esta unidade da Palavra e do Sacramento — verdadeira simbiose celebrativa — será uma constante durante toda a idade patrística. Na antiguidade, com efeito, os cristãos estavam habituados a considerar a audição da Palavra e o alimento eucarístico como uma única mesa ou como duas mesas intimamente unidas.

Orígenes ensinava que «beber o sangue de Cristo» se aplica tanto ao rito sacramental como ao acolhimento das palavras de Cristo que contêm a vida, segundo a expressão do próprio Senhor que disse: «as palavras que eu vos disse são espírito e vida»⁴. S.^{to} **Ambrósio**, por sua vez, exortava os seus fiéis a nutrirem-se da S.E.:

«Toma este alimento — dizia — para ficar contigo para a vida eterna»⁵;

«Bebe Cristo para beber as suas palavras; palavra sua é o Antigo Testamento, palavra sua é o Novo Testamento. A divina Escritura devora-se e bebe-se quando o suco da palavra eterna penetra nas profundidades do espírito, das faculdades da alma. O homem, então, não vive só de pão, mas de toda a Palavra de Deus»⁶.

Mas S.^{to} **Ambrósio** não se limita a aplicar a imagem do alimento à Palavra de Deus: ele estabelece uma relação de paralelismo entre aquilo a que chamamos a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia:

«Tens o alimento que os Apóstolos te fornecem: come-o e não desfalecerás. Começa por comer este alimento de modo a poder passar em seguida ao alimento de Cristo, ao alimento do Corpo do

² Nela S. Justino alude à descrição paralela, feita pouco antes, da celebração eucarística que se segue ao Baptismo: *Ibidem*, c. 65, p. 256.

³ «Um único acto de culto»: dirá o II CONC. DO VATICANO — Const. de Sacra Liturgia *Sacrosanctum Concilium* [= SC] 56. Acta Apostolicae Sedis [= AAS]. 1964, 56, p. 115.

⁴ ORÍGENES — *In Num. Homil.* 16, 9: PG 12, 701 B.

⁵ AMBROSIIUS, santo — *In Ps* 118, 22, 17: PL 15, 1595.

⁶ IDEM — *In Ps* 1, 33: PL 14, 983.

Senhor, ao festim sacramental, ao cálice que inebria o afecto dos fiéis para possuir a alegria que se segue à remissão dos pecados»⁷.

Em **S. Jerónimo** encontramos a mesma linha de pensamento, o que não admira atendendo ao amor deste Padre pela Palavra de Deus. Para ele a ignorância da Escritura é ignorância de Cristo⁸. Vejamos as suas palavras:

«Temos isto de bom na nossa vida actual no mundo: poder comer a carne e beber o Sangue de Cristo, não só no mistério [= sacramento], mas também na leitura das Escrituras. O verdadeiro alimento e a verdadeira bebida que se toma do Verbo de Deus é a ciência das Escrituras»⁹.

Não é menos eloquente o testemunho de S.^{to} **Agostinho** que tinha pela Palavra de Deus e por Cristo-Palavra um amor indiviso. Aqui recordamos apenas o modo como ele comenta a pedido do *Pai-Nosso*: «o pão nosso de cada dia nos dai hoje»:

«Este é o pão quotidiano que os filhos pedem. Este pão é a palavra de Deus que em cada dia nos é dada. É o nosso pão quotidiano: com ele vivem as mentes, não os ventres. É necessário também para nós, que trabalhamos agora na vinha; é alimento, não recompensa. Duas coisas deve ao jornaleiro quem o contrata para trabalhar na vinha: o alimento para que não desfaleça, e a recompensa para que se alegre»¹⁰.

«Os baptizados conhecem também um alimento espiritual que também vós estais seguros de vir a receber no altar de Deus. Também ele será pão de cada dia, necessário para esta vida. ... A Eucaristia é, portanto, o nosso pão de cada dia; mas recebámo-lo de modo a que alimentemos não só o ventre, mas também a mente. ... O que eu vos exponho é pão de cada dia. Pão de cada dia é o escutar diariamente as leituras na Igreja»¹¹.

«O *pão nosso de cada dia nos dai hoje* pode também entender-se, perfeitamente, referido à Eucaristia, alimento de cada dia. Sabem muito bem os já baptizados o que é que recebem e quão bom é para eles receber este pão de cada dia, necessário para a vida. ... Também

⁷ IDEM — *In Ps* 118, 15, 28: PL 15, 1494.

⁸ Cf. HIERONYMUS, santo — *Prol. Comm. In Is.* 1: CCL 73, 1.

⁹ HIERONYMUS, santo — *Comm. in Eccles.*: PL 23, 1092.

¹⁰ AUGUSTINUS, santo — *Sermo* 56, 10: PL 38, 381.

¹¹ IDEM — *Sermo* 57, 7: PL 38, 390.

a palavra de Deus, que dia a dia se vos explica e que de certo modo se vos reparte, é pão de cada dia. E do mesmo modo que os ventres têm fome daquele pão, assim as mentes a sentem deste. Também este o pedimos sem acrescentar mais nada; no pão de cada dia está incluído tudo o que é necessário para a nossa alma e para o nosso corpo»¹².

«Seja que peçamos ao Pai o sustento necessário, seja que nele subentendamos aquele pão de cada dia que vireis a receber no altar, fazemos bem em pedi-lo para que no-lo dê. ... Pão é também a palavra de Deus que em cada dia nos é pregada. Não deixa de ser pão pelo facto de não o ser para o ventre. Uma vez passada esta vida, não buscaremos o pão que procura quem tem fome, nem tampouco receberemos o sacramento do altar, porque ali estaremos com Cristo, cujo corpo recebemos; nem tampouco se nos dirão estas palavras que hoje vos estou a dizer, nem se lerá o livro da Sagrada Escritura quando virmos a própria Palavra, o Verbo de Deus por quem foram feitas todas as coisas, de quem se alimentam os anjos, que não andam à procura de palavras que só mediante rodeios exprimem os seus significados, mas que bebem a única Palavra, o único Verbo, do qual, uma vez saciados, rompem em louvores, em louvores que jamais terão fim»¹³.

2. A unidade perdida

Este tipo de relação com a Palavra de Deus subsistirá na Igreja até bem tarde durante a Idade Média, como muito bem documentou o P. H. de Lubac¹⁴. Contudo, no mundo ocidental, com o surgir das línguas neolatinas a par do persistir do latim como língua única da Liturgia, e com o abaixamento generalizado do nível de instrução das populações, aos poucos foi-se perdendo o contacto do Povo cristão com a Palavra de Deus. Esta continuou a proclamar-se solenemente na liturgia, ainda que com menos abundância e variedade. Contudo, o próprio da palavra — a comunicação viva — deixou de existir e a proclamação reduziu-se a mera acção ritual, acto externo de significação inacessível para a grande maioria dos fiéis.

Se dermos uma vista de olhos aos manuais que até há trinta-quarenta anos se liam nas cátedras de Moral das nossas Escolas de Teologia, deparamo-nos com uma expressão inevitável desse

¹² IDEM — *Sermo* 58, 5: PL 38, 395.

¹³ IDEM — *Sermo* 59, 6: PL 38, 401.

¹⁴ Henri de LUBAC — *Exégèse médiévale*. Vol. I. Paris, 1959, p. 523.

distanciamento entre a Palavra e o Povo: embora recomendando a todos a devota assistência à *missa inteira*, os moralistas eram indulgentes para com aqueles que chegassem até ao *Credo*, inclusive: não cometiam «pecado mortal»¹⁵! Só então, com efeito, começava a «missa dos fiéis», e tudo o que a precedia — a «missa dos catecúmenos» — com as leituras bíblicas era apenas uma introdução ou preparação. Mesmo um liturgista e teólogo da estatura de J.-A. Jungmann, apesar de revalorizar a Liturgia da Palavra (ou não fosse um dos mais eminentes representantes da escola kerigmática de Innsbruck), na sua obra monumental *Missarum Sollemnia* chama «ante-missa» a toda a primeira parte da celebração Eucarística:

«Não se vê dificuldade em que a celebração eucarística abra-se directamente com a preparação das oferendas e a oração solene de acção de graças. Contudo, já desde o final da antiguidade cristã se adopta geralmente em toda a cristandade o costume de a fazer preceder por um conjunto de leituras da Bíblia sagrada. *É lógico que antes da realização do mistério se crie como que uma atmosfera de fé*. Costumamos chamar antemissa a esta parte, por contraposição com a missa sacrificial *na qual, propriamente, se realiza o mistério*.»¹⁶

A ante-missa, portanto, não pertencia propriamente à celebração do «mistério»: apenas a preparava, criando-lhe um clima de fé. No plano das hipóteses era, até, dispensável!

3. O regresso às fontes

Mas o Espírito Santo passou pela Igreja do nosso tempo: graças ao feliz encontro e concurso do movimento litúrgico com o movimento bíblico vai alterar-se radicalmente este estado de coisas. Aos poucos vai-se revalorizando a «missa dos catecúmenos», quer ao nível teórico, quer na prática. Basta pensar no sucesso editorial que constituiu a publicação dos diversos missais dos fiéis, que punham nas mãos de uma população cada vez mais alfabetizada a

¹⁵ Cf. A. G. MARTIMORT — *L'assistance à la Messe des catéchumènes est-elle obligatoire?* In *LA MESSE et sa catéchèse*. Paris, 1947, p. 299 s. Lex Orandi; 7; G. FRANSEN — *L'obligation d'assister à une Messe entière*. La Maison-Dieu [= LMD]. 1956, 46, p. 67-73.

¹⁶ JUNGSMANN — *El sacrificio de la Misa: Tratado histórico-litúrgico*. 4ª ed. Madrid, 1963, p. 299. BAC; 68. A 1ª ed. alemã data de 1948; os sublinhados são nossos.

tradução dos textos e das leituras da Missa. Já com Pio XII e sob a liderança de alguns episcopados aparecem os primeiros leccionários bilingues e os fiéis passaram a poder ouvir proclamar, nas suas próprias línguas, as maravilhas de Deus.

Um índice revelador desse novo apreço pela Palavra de Deus é a renovação da própria terminologia. Martimort, por exemplo, no congresso realizado em Vanves em 1946, constatava que a celebração eucarística tal como a tínhamos resultava da junção de uma «*sinaxe alitúrgica*» comportando leituras, cânticos e orações — primeiro na presença dos catecúmenos e, depois, na sua ausência — e de uma «*sinaxe litúrgica*» inteiramente ocupada pela Eucaristia. Enquanto que a primeira se podia realizar por si só¹⁷, a sinaxe litúrgica era sempre precedida da outra. Sugeriu, então, designações diferentes:

«Proponho que a terminologia *missa dos catecúmenos, missa dos fiéis* se substitua por *liturgia evangélica e liturgia eucarística*»¹⁸.

Dez anos depois será o reitor do Pontifício Instituto Bíblico, o futuro cardeal Agostinho Bea que dissertará no I Congresso Internacional de Liturgia Pastoral realizado em Assis (1956) sobre o valor pastoral da Palavra de Deus na Sagrada Liturgia. Perante essa magna assembleia de 5 cardeais, 80 bispos e quase 1400 padres provenientes dos 5 continentes, o P. Bea, confessor de Pio XII e membro da Comissão para a Reforma Litúrgica instituída por esse Pontífice em 1948¹⁹ recordava que «a **mística união da Palavra de Deus e do Pão da vida** que se verifica admiravelmente na S. Liturgia é uma coisa própria e característica da Igreja de Cristo». E prosseguia:

«A mística união que divisamos na S. Liturgia entre a Palavra de Deus e o Pão da Vida, faz com que o sacerdote compreenda em si duas funções: ele é 'Minister Verbi' e 'Minister Sacramenti'. Nele, portanto, a Palavra de Deus deve tornar-se quase carne da sua carne, espírito do seu espírito, como o pão eucarístico se torna carne da sua carne e espírito do Seu espírito. Nele o movimento litúrgico e o movimento bíblico devem encontrar-se, fundir-se, quase com-

¹⁷ Por exemplo, em Sexta-Feira Santa.

¹⁸ Texto citado em R. CHÉNO — *La structure de la Messe et la 'lex orandi'*. LMD. 1991 (188) p. 113.

¹⁹ A esta Comissão se deve, entre outras coisas, a restauração da Vigília Pascal e da Semana Santa: cf. A. BUGNINI — *La Riforma Liturgica (1948-1975)*. Roma, 1983, p. 20-23.

penetrar-se. **Um sacerdote que soubesse celebrar bem o santo sacrifício, a 'fractio panis', mas não soubesse partir aos fiéis o pão da Palavra de Deus, seria sacerdote apenas a meias**»²⁰.

O P. Bea terminou a sua intervenção com uma alusão à celebre passagem da *Imitação de Cristo* (I. IV, c. 11) que mais tarde veremos a desempenhar um importante papel de «autoridade» no Concílio Vaticano II:

«A *Imitação de Cristo* fala, num texto bem conhecido, de **duas mesas** postas de ambos os lados no tesouro da Santa Igreja: uma, a mesa do sagrado altar, sobre a qual está o pão santificado, isto é, o precioso Corpo de Cristo; a outra, a mesa da divina lei, a qual contém a santa doutrina, ensina a verdadeira fé e nos conduz por caminho seguro até dentro do véu onde está o *sancta sanctorum*. **A grande finalidade da Reforma litúrgica é tornar cada vez mais acessíveis aos fiéis estas duas mesas** que nos foram dadas pelo próprio Deus. Este era o grande objectivo do santo Pontífice que se tinha proposto como programa *Instaurare omnia in Christo*. S. Pio X, com corajosa iniciativa, deu aos fiéis com nova abundância o Pão eucarístico, posto sobre uma das duas mesas do Santuário. Quanto ele projectara acerca do precioso dom posto sobre a outra mesa, o pão santo da Palavra de Deus, não lhe foi permitido realizá-lo plenamente. O encargo de levar a feliz termo também esta segunda tarefa, ele teve de o deixar aos seus sucessores na cátedra de S. Pedro...»²¹.

4. A doutrina do Vaticano II

Será, na verdade, o Concílio, lucidamente preparado por Pio XII e corajosamente reunido por João XXIII a assumir esta herança e a desempenhar-se com êxito desse encargo. E fá-lo-á logo desde

²⁰ A. BEA — *Il valore pastorale della Parola di Dio nella Sacra Liturgia*. In CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LITURGIA PASTORALE, 1º, Assisi; Roma, 1956 — *Atti: La Restaurazione Liturgica nell'opera di Pio XII*. Genova, 1957, p. 109; os sublinhados são nossos.

²¹ *Ibid.*, 111. Vale a pena retermos aqui o texto citado da *IMITATIO Christi*, I. IV, c. 11: «Encerrado na prisão deste corpo, de duas coisas eu preciso: de alimentos e de luz. Eis porque destes a este pobre enfermo a vossa carne sagrada, para servir de alimento à sua alma e ao seu corpo; e deixastes-me a vossa palavra como uma lâmpada para os meus pés (cf. Sl. 119, 105). Não poderia viver bem sem estas duas coisas; porque a palavra de Deus é a luz da minha alma e o vosso sacramento o Pão da vida. Podem igualmente ser vistas como **duas mesas colocadas daqui e dali nos tesouros da Igreja**: uma é a mesa do altar sagrado, sobre a qual repousa um pão santificado, isto é, o Corpo precioso de Jesus Cristo; a outra é a mesa da lei divina, que contém a santa doutrina, que ensina a verdadeira fé, que soergue o véu do santuário e nos introduz com segurança no Santo dos Santos».

o seu primeiro e histórico documento, a constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia, na qual vemos confluir todo o caudal do movimento litúrgico enriquecido, nomeadamente, com os contributos do movimento bíblico.

A afirmação mais importante de todo o Concílio sobre o significado e importância da Palavra de Deus na Liturgia é, sem dúvida, a do artº 7º da SC: «Cristo está presente à Sua Igreja ... na Sua Palavra, sendo Ele quem fala quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura»²². Mais à frente reafirma a mesma ideia: «na Liturgia, Deus fala ao seu povo e Cristo anuncia ainda o Evangelho»²³. É a partir desta base que todas as outras afirmações acerca da importância da Liturgia da Palavra ganham o seu pleno sentido.

Desde a sua manifestação ao mundo no Pentecostes, «a Igreja jamais deixou de celebrar o mistério pascal mediante a leitura de quanto na Escritura se refere a Cristo»²⁴. A Sagrada Escritura é, assim, da máxima importância nas celebrações litúrgicas todas elas entretidas de palavras — leituras, preces, cânticos, orações — e ritos que são bíblicos até à medula²⁵. O esforço da reforma litúrgica irá, pois, no sentido de tudo se fazer para que a íntima conexão da palavra e do rito na Liturgia apareça claramente²⁶. Assim se entende a preocupação de assegurar nas celebrações uma «leitura da Sagrada Escritura mais abundante, variada e adaptada», bem como o incentivo a um renovado exercício da pregação e da catequese litúrgicas²⁷.

No que à celebração da Missa se refere destaca-se, nesta linha, a afirmação do artº 56º:

«As duas partes de que se compõe, de algum modo, a Missa — a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística — estão tão intimamente unidas entre si que **formam um único acto de culto**. Por isso o sagrado Concílio exorta veementemente os pastores de almas a

²² SC, 7. In AAS. 1964, 56, p. 100-101. Como é sabido, neste ponto SC reproduz a doutrina da *Mediator Dei* relativa à presença de Cristo nas acções litúrgicas. Entretanto, esta modalidade da presença de Cristo na Palavra não tem paralelo na encíclica de Pio XII.

²³ SC 33. In AAS. 1964, 56, p. 108.

²⁴ SC 6. In AAS. 1964, 56, p. 100.

²⁵ Cf. SC 24. In AAS. 1964, 56, p. 106-107.

²⁶ SC 35. In AAS. 1964, 56, p. 109.

²⁷ *Ibid.*

instruïrem com cuidado os fiéis na catequese, para que **participem na Missa inteira**, especialmente aos domingos e festas de preceito».

O conceito de participação é bem mais rico que o de «assistência» ou «audição da Missa» — esta entendida de modo material e externo, sem dar grande importância à compreensão ou audição interior —. Na perspectiva do Concílio esta *participação* aponta para a comunhão (a qual supõe a presença de Cristo). Isso está patente, por exemplo, na afirmação de que a Igreja deseja que os fiéis não se limitem a «assistir como expectadores mudos e estranhos a este mistério da fé», «mas que participem consciente, piedosa e activamente na acção sagrada». Assim serão **instruídos pela Palavra de Deus e alimentados à mesa do Corpo do Senhor**²⁸. O Concílio vai mesmo providenciar «para que a **mesa da Palavra de Deus** seja preparada aos fiéis com mais abundância» decretando a revisão do ordenamento das leituras da Missa²⁹.

Como acabamos de ver, na sua versão definitiva os nn. 48 e 51 da SC aplicam a imagem da *mesa* sucessivamente à participação da Eucaristia (n. 48) e na Palavra (n. 51). Na sua versão original este paralelismo era mais explicitamente afirmado em ambos os artigos. No nº 48 afirmava-se que os cristãos «se alimentavam na mesa tanto da Palavra como do Corpo do Senhor» (*mensa cum verbi tum corporis Domini reficiantur*). No nº 51 afirmava-se o propósito de «juntamente com a mesa eucarística preparar também uma mesa mais rica da Palavra de Deus» (*cum mensa eucharistica etiam ditior mensa verbi Dei paretur*³⁰). Estas expressões, porém, foram consideradas equívocas por alguns Padres, o que levou a Comissão Conciliar a alterá-las, não sem que antes reafirmasse a sua legitimidade na base, precisamente do livro da *Imitação de Cristo*³¹. Receavam alguns que o sentido metafórico da palavra «mesa» quando aplicada à Palavra induzisse a uma interpretação metafórica do mesmo termo quando aplicado, com propriedade, à Eucaristia.

²⁸ SC 48. AAS. 1964, 56, p. 113.

²⁹ SC 51. In AAS. 1964, 56, p. 114.

³⁰ Aqui citava-se o já conhecido texto *DE IMITATIONE Christi*, IV, 11.

³¹ S. OEC. CONCILIIUM VATICANUM SECUNDUM — *Schema Constitutionis de Sacra Liturgia. Emendationes...* Vol. 6. Typis Polygl. Vaticanis, 1963, p. 13. 16. 25. 26.

Como vemos, não se advertia ainda que a afirmação de uma real «comunhão» com Cristo-Palavra não só não diminui mas até intensifica a comunhão com o Sacramento do Corpo de Cristo, dando-lhe um contexto ideal. Muitos, com efeito, não concebiam que se pudesse falar com realismo na presença de Cristo para além do Sacramento da Eucaristia. Tudo o mais seria pura metáfora. Terá de ser Paulo VI a dissipar todas as hesitações ao afirmar, ao mesmo tempo, o realismo das diversas modalidades da presença de Cristo e a razão própria da singularidade da presença de Cristo nas espécies eucarísticas: «chamamos *real* a esta presença *não por exclusão*, como se as outras não fossem reais, *mas por excelência*, uma vez que é substancial»³².

Em documentos posteriores, o Concílio será mais ousado e explícito nas suas expressões testemunhando uma consciência readquirida do lugar fundamental que a Palavra de Deus — a par da Eucaristia e dos Sacramentos em geral — tem na vida da Igreja. É o caso da formulação lapidar da Constituição Dogmática *Dei Verbum*:

«A Igreja sempre venerou as Divinas Escrituras tal como o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na Sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida da mesa tanto da Palavra de Deus como do Corpo de Cristo. [...] E é tão grande a força e a virtude da Palavra de Deus que se torna o apoio vigoroso da Igreja, solidez da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual»³³.

Atribui-se a Yves Congar o primeiro período deste artigo que se encontra, *ipsis verbis*, num seu artigo datado de 1962. O importante é que o Concílio o fez seu, embora não sem oposição. Com efeito também desta vez a comparação suscitou reservas em vários Padres conciliares e, pelo menos por duas vezes, a Comissão Teológica teve de defender a redacção que vingou, documentando o carácter tradicional da imagem das duas ou da dupla mesa. Primeiro argumentou-se com o passo conhecido da *Imitação de Cristo*

³² PAULUS VI — Litt. enc. *Mysterium Fidei*. AAS, 1965, 57, p. 764. Sobre esta problemática, cf. S. MARSILI — *La Liturgia, momento storico della salvezza*. In *LA LITURGIA, momento nella storia della salvezza*. Casale Monferrato: Marietti 1974, sobretudo p. 92-96. Anàmnesis; 1; IDEM — *Cristo si fa presente nella sua parola*. Rivista Liturgica. 1983, 70, p. 671-690.

³³ II CONC. DO VATICANO — Const. Dogm. De divina revelatione *Dei Verbum* [=DV], 21. AAS. 1966, 58, p. 827.

IV 11. Posteriormente foi todo um dossier patrístico que foi apresentado para legitimar a expressão, com citações de Orígenes, S. Jerónimo, S.¹⁰ Agostinho, o Beato Elredo, Isaac de l'Étoile... Yves Congar, no artigo referido, citava ainda S.¹⁰ Hilário de Poitiers e S.¹⁰ Ambrósio de Milão³⁴.

A DV terminará, precisamente, sublinhando esta convicção:

«Assim como a vida da Igreja cresce com a assídua frequência do mistério eucarístico, assim também é lícito esperar um novo impulso de vida espiritual, se fizermos crescer a veneração pela palavra de Deus que permanece para sempre»³⁵.

A mesma temática com formulação semelhante encontra-se também noutros decretos do mesmo Concílio. Vejamos, sem mais comentários, alguns dos textos mais significativos:

O 1º é do Decreto *Perfectae Caritatis*:

«...Os membros dos Institutos cultivem com contínuo esforço o espírito de oração e a mesma oração, haurindo-a das genuínas fontes da espiritualidade cristã. Sobretudo tenham todos os dias entre as mãos a Sagrada Escritura... Celebrem a sagrada Liturgia, sobretudo o sagrado mistério da Eucaristia... Deste modo, **alimentados à mesa da divina lei e do sagrado altar**, amem fraternalmente os membros de Cristo...»³⁶.

No Decreto *Ad Gentes* sobre a actividade missionária da Igreja reaparece a mesma imagem:

«O meio principal desta implantação [da Igreja] é a pregação do Evangelho de Jesus Cristo. Para o anunciar, enviou o Senhor pelo mundo inteiro os seus discípulos, a fim de que os homens, uma vez renascidos pela Palavra de Deus, fossem agregados pelo Baptismo à Igreja, **a qual, como corpo do Verbo incarnado, se nutre e vive da palavra de Deus e do pão eucarístico**»³⁷.

O Decreto *Presbyterorum Ordinis* tem dois textos mais significativos:

³⁴ CHÉNO — *Ibidem*, p. 117-124.

³⁵ DV 26. AAS. 1966, 58, p. 830.

³⁶ II CONC. DO VATICANO — Decr. de accommodata renovatione vitae religiosae *Perfectae caritatis* [= PC] 6. AAS. 1966, 58, p. 705.

³⁷ II CONC. DO VATICANO — Decr. de activ. Missionali Ecclesiae *Ad gentes* [= AG] 6. AAS. 1966, 58, p. 954.

«...A pregação da palavra é necessária para o próprio ministério dos sacramentos, enquanto são sacramentos da fé que nasce da palavra e da palavra se alimenta; o que vale sobretudo para a liturgia da palavra na celebração da missa, na qual se unem intimamente o anúncio da morte e da ressurreição do Senhor, a resposta do povo ouvinte e a própria oblação...»³⁸;

«Entre todos os auxílios espirituais sobressaem os actos pelos quais os fiéis se alimentam da palavra de Deus na **dupla mesa da Sagrada Escritura e da Eucaristia**. ...»³⁹.

5. A Reforma litúrgica

A reforma Litúrgica limitar-se-á a aplicar com fidelidade estes princípios tão luminosamente formulados pelo Concílio. Paulo VI, por exemplo, na Constituição Apostólica *Missale Romanum* com a qual promulgou o novo Missal, confirma esse propósito:

«O novo ordenamento das leituras «tem por finalidade **despertar cada vez mais nos fiéis aquela fome da Palavra de Deus**»⁴⁰ que leve o Povo da nova Aliança a sentir-se como que impellido pelo Espírito Santo a realizar a perfeita unidade da Igreja. Nestas condições, nutrimos a mais viva esperança de que esta nova ordenação do Missal irá proporcionar aos sacerdotes e aos fiéis a possibilidade de prepararem em comum mais santamente o espírito para a celebração da Ceia do Senhor, **alimentando-se dia a dia mais abundantemente com a palavra do Senhor**, através de uma meditação mais aprofundada da Sagrada Escritura. Daqui se seguirá, como é desejo do Concílio Vaticano II, que a Escritura divina se torne para todos fonte perene de vida espiritual, instrumento primordial de catequese cristã, compêndio substancial de formação teológica»⁴¹.

E o documento normativo que introduz o novo Missal é muito explícito, com citações expressas dos documentos conciliares:

«A Missa consta, por assim dizer, de duas partes: a liturgia da palavra e a liturgia eucarística. Estas duas partes, porém, estão entre si tão estreitamente ligadas, que constituem um único acto de

³⁸ II CONC. DO VATICANO — Decr. de presbyterorum ministerio et vita *Presbyterorum ordinis* [= PO] 4. AAS, 1966, 58, p. 996-997.

³⁹ PO 18. AAS, 1966, 58, p. 1019.

⁴⁰ Cf. *Amós* 8, 11.

⁴¹ PAULUS VI — Const. Apost. *Missale Romanum*. In *MISSAL Romano reformado...* Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1992, p. 15 [= MRP].

culto»⁴². De facto, na Missa é posta a mesa, tanto da palavra de Deus como do Corpo de Cristo, mesa em que os fiéis recebem instrução e alimento»⁴³. [...]

«Quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura, é o próprio Deus quem fala ao seu povo, é Cristo presente na sua palavra quem anuncia o Evangelho...»⁴⁴

«Nas leituras, comentadas pela homilia, Deus fala ao seu povo»⁴⁵, revela-lhe o mistério da redenção e salvação e oferece-lhe o alimento espiritual. Pela sua palavra, o próprio Cristo está presente no meio dos fiéis»⁴⁶[...] «Nas leituras, põe-se aos fiéis a mesa da palavra de Deus e abrem-se-lhes os tesouros da Bíblia.»⁴⁷.

Foi sobretudo com a revisão do **Ordenamento das Leituras da Missa** e com a publicação dos novos **Leccionários** que a Igreja deu cumprimento aos desejos do Concílio de proporcionar a todos os fiéis um contacto mais assíduo e rico com a mesa da Palavra de Deus. Esta é, sem dúvida, uma das principais reformas da Igreja do nosso tempo, consumada com a publicação em 25 de Maio de 1969 do novo *Ordenamento das Leituras da Missa*. Em 1981 esta importante publicação teve uma 2ª edição típica enriquecida com *preliminares* que encerram uma riquíssima teologia da Liturgia da Palavra»⁴⁸. Publicados em português a abrir as novas edições dos diferentes volumes do *Leccionário*⁴⁹, estes *Preliminares* devem considerar-se de leitura obrigatória para todos os que têm responsabilidades ao serviço da palavra na Liturgia. O nº 10 esboça, de algum modo, o sumário da caminhada que temos vindo a fazer:

«A Igreja honra com a mesma veneração, embora não com o mesmo culto, a palavra de Deus e o mistério eucarístico; e sempre e em toda

⁴² Cit. SC 56; *Eucharisticum Mysterium* 10.

⁴³ Aqui cita-se SC 48, 51; DV 21; PO 4.

⁴⁴ *INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano* [= IGMR] 8.9. A versão oficial portuguesa deste documento normativo encontra-se em MRP, 17-66 ou inserida no vol. *INTRODUÇÃO Geral ao Missal Romano*. Coimbra: Secretariado Nacional de Liturgia, 1992, p. 15-113.

⁴⁵ Aqui cita-se SC 33.

⁴⁶ Aqui cita-se SC 7.

⁴⁷ IGMR 33.34. Esta última afirmação é corroborada com uma cit. de SC 51.

⁴⁸ *MISSALE Romanum ex decreto... Ordo Lectionum Missae*. Editio typica altera. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1981.

⁴⁹ *MISSAL Romano reformado... Leccionário Dominical - Ano A*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993, p. 11-41. Já antes tinha sido publicada em separata uma versão provisória desses preliminares: *ORDENAMENTO das Leituras da Missa*. Coimbra: Gráfica de Coimbra; Secretariado Nacional de Liturgia, 1991 [citaremos com a sigla OLM].

a parte desejou e mandou que se imite este modo de proceder, uma vez que, movida pelo exemplo de seu Fundador, nunca deixou de celebrar o seu mistério pascal, reunindo-se em comum para ler em todas as Escrituras o que a Ele se refere (Lc 24, 47) e para exercer a obra de salvação por meio de memorial do Senhor e dos Sacramentos. Com efeito, para o ministério dos sacramentos é requerida a proclamação da Palavra, por serem sacramentos da fé, que nasce e se alimenta da Palavra ⁵⁰.

Alimentada espiritualmente nas duas mesas ⁵¹, a Igreja progride no seu conhecimento graças a uma e na sua santificação graças à outra. Com efeito, na palavra de Deus é proclamada a aliança divina, enquanto na Eucaristia é renovada a mesma nova e eterna aliança. Naquela, a história da salvação é evocada no som das palavras; nesta, a mesma história da salvação é apresentada nos sinais sacramentais da Liturgia.

Convém, por isso, ter sempre em conta que a palavra divina, lida e anunciada pela Igreja na Liturgia, leva, por assim dizer, ao sacrifício da aliança e ao banquete da graça, isto é, à Eucaristia, como seu fim próprio. Por conseguinte, a celebração da Missa, na qual se escuta a Palavra e se oferece e recebe a Eucaristia, constitui um único acto de culto divino ⁵², no qual se apresenta a Deus o sacrifício de louvor e se proporciona ao homem a plenitude da redenção» ⁵³.

Ao longo do documento aparece difusa esta linguagem da Palavra como alimento:

— O **ambão**, pela sua própria existência, disposição e nobreza, de acordo com a dignidade da Palavra de Deus, recorda aos fiéis que na Missa se prepara a *mesa* tanto da Palavra de Deus como do Corpo de Cristo. Por isso deve ter uma relação de proporção e harmonia com o altar ⁵⁴.

— O **presidente** da celebração tem a responsabilidade de partilhar com os fiéis o «*alimento* interior» que a palavra contém ⁵⁵. A sua homilia, entre outras coisas, deve levar os seus irmãos a uma «*saborosa* compreensão» da S.E. e «*alimentar-lhes a fé*» ⁵⁶.

⁵⁰ Cita-se aqui PO 4.

⁵¹ Aqui citam-se: SC 51; PO 18; DV 21; AG 6 e IGMR 8.

⁵² Cita-se aqui SC 56.

⁵³ OLM, 10.

⁵⁴ Cf. OLM 32.

⁵⁵ Ibid. 38.

⁵⁶ OLM 41.

— Os **fiéis** «*alimentam* a sua fé» mediante a Palavra ⁵⁷, cujos tesouros têm direito a receber; não-de escutar a mesma Palavra com uma atitude de veneração interior e exterior ⁵⁸; devem sentir «que existe uma só presença de Cristo, quer na Palavra de Deus... quer principalmente sob as espécies eucarísticas» ⁵⁹. As Sagradas Escrituras são para eles «fonte de vida e de força» ⁶⁰. A Palavra de Deus «é alimento da vida cristã e fonte de toda a oração da Igreja» ⁶¹.

— ...

Mas mais importantes ainda do que os *Preliminares* são os *Leccionários* em que, de facto, se põe aos fiéis a mesa com abundância, variedade e adaptação.

Os responsáveis desta notável reforma têm mesmo uma pretensão que pode parecer exagerada. Nos *preliminares*, com efeito, afirma-se que «o actual Ordenamento das Leituras da Missa é uma colecção de leituras bíblicas que oferece aos fiéis cristãos o conhecimento de **toda a palavra de Deus**, segundo uma organização adequada» ⁶². Evidentemente, esta afirmação é excessiva se tomada à letra: materialmente falando, na Missa não se lê **toda** a Bíblia. Mas, qualitativamente falando, podemos dizer que a pretensão de integridade não é um exagero retórico: com o ciclo trienal do leccionário dominical e festivo; com o ciclo anual ou bienal, conforme os tempos litúrgicos, do leccionário ferial; com a abundantíssima selecção de perícopas dos leccionários santoral, ritual, votivo, de defuntos e para as mais diversas circunstâncias, de facto alcançou-se o objectivo almejado pelo Concílio de num determinado número de anos se lerem ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura ⁶³.

A motivação desta reforma é genuinamente pastoral. Mas aqui por pastoral entende-se uma solicitude que não é ditada por modas, mas que deriva de exigências intrínsecas do próprio mistério de Cristo e da vida da fé. A Palavra na Liturgia está como o peixe na água e sem ela a Liturgia seca e torna-se deserto árido. Sem o anúncio

⁵⁷ OLM 44.

⁵⁸ OLM 45.

⁵⁹ OLM 46.

⁶⁰ OLM 47.

⁶¹ OLM 47.

⁶² OLM 60; o sublinhado é nosso.

⁶³ Cf. SC 51.

das maravilhas da Salvação, anúncio esse que na celebração se carrega de nova actualidade, a Liturgia fica opaca e perde-se o sentido das suas acções na unidade da história da salvação e na vida da fé.

Já o Concílio de Trento tivera esta solicitude pastoral quando no Decreto sobre a Missa determinava, «para que as ovelhas de Cristo não passassem fome e não acontecesse que *os pequenos pedissem pão sem haver quem lho repartisse* (Lam 4, 4)» que se fizesse catequese ou pregação dentro da Missa, a partir dos textos lidos⁶⁴. Essa afirmação, porém, é feita no mesmo capítulo em que se considerava inoportuna a adopção das línguas vernáculas na celebração da Missa, apesar da grande riqueza de instrução para o povo fiel que se lhe reconhecia⁶⁵... Na verdade, o Concílio tinha a necessidade de se opor à reforma protestante e de se distanciar dos seus erros doutrinários. Isso impediu que a solicitude pastoral pudesse então exprimir-se numa reforma litúrgica mais corajosa. Não obstante a multiplicação das pregações e missões populares — é riquíssima a história do púlpito no período post-tridentino —, *as ovelhas de Cristo* continuaram a passar fome e *os pequeninos* continuaram a não ter quem lhes partisse o pão da Palavra viva de Deus. Hoje, que a autoridade de um Concílio ecuménico alterou radicalmente essa situação, é nossa responsabilidade acolher fielmente a reforma pastoral que se lhe seguiu e aplicá-la com todas as nossas energias. É a vida de fé do povo cristão que sairá robustecida e vitaminada com esta nova abundância de alimento espiritual.

6. Algumas conclusões de carácter operativo

a. É importante que a Palavra de Deus ocupe cada vez mais o lugar que lhe compete no apreço dos fiéis e na sua vida de fé. A Liturgia tem neste capítulo virtualidades pedagógicas insuperáveis: já não há celebrações sem Palavra proclamada... Porque somos a

⁶⁴ CONCILIUM TRIDENTINUM, Sessio XXII — *Doctrina et canones de sanctissimo missae sacrificio*. Cap. VIII. In *CONCILIORUM Oecumenicorum Decreta*. A cura do G. Alberigo [et a.]. Bologna, 1991, p. 735; DS 1749.

⁶⁵ «Etsi missa magnam contineat populi fidelis eruditionem, non tamen expedire visum est patribus, ut vulgari passim lingua celebraretur». *Ibidem*.

Igreja da Palavra e do Sacramento, é importante que também nos nossos edifícios de culto — nas igrejas — sejam visíveis o lugar do Sacramento — sempre o foi —, mas também o da Palavra. É tempo de passarmos da fase dos ambões provisórios — normalmente resumidos à estante que suporta o livro — para a reestruturação definitiva das Igrejas com verdadeiros ambões, na linha da melhor tradição e na fidelidade às normas agora em vigor.

b. A estrutura bipartida da Missa deve aparecer com clareza. Ao serviço dessa pedagogia a linguagem dos espaços não pode ser descuidada. O lugar da Palavra de Deus não é o lugar de mais nada. Nem mais nenhum lugar — para além do ambão — é o lugar da Palavra. Não faz sentido começar a celebração no altar e de lá só sair para regressar à Sacristia.

c. A abundância da mesa da Palavra é garantida por um leccionário abundante, variado e adaptado. É sobretudo no próprio do tempo — quer na parte festiva, quer na parte ferial — que esta leitura eclesial da Escritura está melhor programada e articulada, no sentido de proporcionar aos fiéis um real contacto com a integridade da História salvífica. Os responsáveis não se podem permitir anular este desejo pastoral da Igreja secundarizando sistematicamente o leccionário do próprio do tempo. Importa, por isso, conhecer bem a estrutura do novo Ordenamento das Leituras e usar com discernimento e moderação o leccionário santoral e votivo.

d. À importância da Palavra na Liturgia corresponde a importância dos ministérios ao seu serviço. Proclamar a Palavra de Deus é ofício ministerial e não presidencial. O Presidente da celebração, antes de partir em pequeninos o pão da Palavra com os fiéis, ele mesmo deve ser ouvinte. Mas os leitores não se improvisam: há que os formar, do ponto de vista doutrinal (bíblico e teológico-litúrgico), espiritual e técnico. «Se a voz do leitor não soa, não ressoará a Palavra de Cristo; se a sua voz não se articula, a Palavra tornar-se-á confusa; se não dá bem o sentido, o Povo não poderá compreender a Palavra; se não dá a devida expressão, a Palavra perderá a sua força. E de nada serve apelar para a onnipotência

divina porque o caminho da onipotência, também na Liturgia, passa pela encarnação»⁶⁶.

e. Na Liturgia da Palavra há uma **verdadeira transformação** da Escritura em Palavra viva de Deus; nela dá-se uma **real presença** do Senhor ressuscitado que nela fala e nela é anunciado; **por ela realiza-se uma efectiva comunhão** sacramental com Cristo a que têm acesso muitos que não podem ousar abeirar-se da mesa do Corpo do Senhor, mas que já aqui o acolhem com fé e vida numa comunhão que pode e deve ser frutuosa. Ela há-de ser, por isso, objecto de uma pastoral solícita e de uma veneração condizente.

Termino dando a palavra a um Bispo pastor de tempos de crise — S. Cesário de Arles:

«Pergunto-vos, irmãos e irmãs, que coisa vos parece mais importante: a Palavra de Deus ou o Corpo de Cristo? Se quiserdes responder bem, deveis sem dúvida dizer que a Palavra de Deus não é menos do que o Corpo de Cristo. E então, se poms tanto cuidado quando nos é entregue o Corpo de Cristo para que nada d'Ele caia por terra das nossas mãos, não deveremos pôr outra tanta atenção para que a Palavra de Deus, que nos é oferecida e dada, não escape do nosso coração, o que acontecerá se estivermos distraídos ou na conversa? Não será menor a culpa por escutar com negligência a Palavra de Deus do que por deixar cair ao chão por descuido o Corpo de Cristo»⁶⁷.

JOÃO DA SILVA PEIXOTO

Aspectos do enciclopedismo medieval

«Todas as artes servem à ciência divina, e a sabedoria inferior, rectamente ordenada, conduz à sabedoria superior».

HUGO DE S. VICTOR

Num artigo relativamente recente, José Mattoso escrevia de forma sugestiva e pertinente:

«[As enciclopédias medievais] lembram-me um viajante pobre em país longínquo e repleto de riquezas desconhecidas na sua terra. Procura guardar as mais preciosas, as mais exóticas ou representativas de um mundo diferente, para depois as mostrar aos companheiros embevecidos, quando regressa à sua aldeia. (...) [A aprendizagem medieval] baseava-se, fundamentalmente, na abordagem do signo verbal e da linguagem, nos comentários, glossas e explicações dos textos, na selecção das passagens exemplares. Aprender era, em suma, tomar posse da palavra»¹.

Estes lúcidos apontamentos tocam em duas temáticas que constituirão talvez o núcleo do saber medieval: a sua referência constante ao universo mental greco-romano, sintetizada na célebre metáfora de Bernardo de Chartres que comparava os intelectuais medievais a anões empoleirados nos ombros dos gigantes do saber

⁶⁶ A. SCHÖKEL — *Consejos al lector*. Hodie. 1965, 17, p. 82.

⁶⁷ CAESARIUS AREL., santo — *Sermo* 78, 2: PL 39, 2319.

* *De sacramentis*. PL, t. CLXXVI, col 85.

¹ José MATTOSO — *As enciclopédias Medievais*. In *ENCICLOPÉDIAS e Enciclopedismo*. Revista da Imprensa Nacional / Casa da Moeda. 1984 (4).